

PASSAGEM DE ANO...



2006

Cavaco estreou uma nova era na política em Portugal, ao assumir a sua agenda política pessoal, a que deu o nome de Roteiros para a Inclusão

2006 foi o primeiro ano de Cavaco Silva Presidente da República. No seu primeiro ano em Belém, Cavaco procedeu a uma transformação de fundo. Associado ao facto de a sua eleição ser o primeiro corte real com o tronco político da herança de ideário do 25 de Abril, Cavaco Silva consagrou, como discurso de poder, o ideário liberal. É essa a sua grande inovação, como Presidente, na política portuguesa.

Agindo de um modo que o próprio caracteriza como convergência estratégica com o Governo de José Sócrates e de forma a fazer de conta que é possível exercer o poder político sem assumir filiação ideológica, Cavaco Silva lançou um programa político claro, que assume como seu e que entronca com a acção do Governo ou a pressiona, na tentativa de que Sócrates vá mais longe nas cedências que faz ao liberalismo. Esta pressão foi exibida publicamente em relação à reforma da Segurança Social.

Pressionando ou apoiando, Cavaco deu força à chamada agenda reformista de Sócrates, que consiste, também ela, em chamadas reformas do sistema de funcionamento da sociedade, que assentam em pressupostos liberais e economicistas e têm como objectivo emagrecer o papel do Estado social e os gastos com os serviços públicos ao nível da Educação, Saúde e Segurança Social, que constituem pilares do Modelo Social Europeu. E aqui, ao nível do que são as políticas reformistas do Governo, 2006 também foi o ano da abertura explícita e oficial às teses liberais. A desconstrução do Estado e a substituição do seu papel social pelo mercado é de novo o fetiche.

Mas mais do que na gestão da sua relação com o Governo, Cavaco estreou uma nova era na política em Portugal, ao assumir a sua agenda política pessoal, a que deu o nome de Roteiros para a Inclusão e que lançou, enquanto programa político, no seu primeiro discurso na Assembleia da República, nas comemorações do 25 de Abril – um discurso que foi rápida e ligeiramente classificado como de esquerda, só porque expressava preocupações sociais.

SÃO JOSÉ ALMEIDA

Depois de elevado por Cavaco Silva a discurso oficial do poder – que Sócrates não quis ou não soube rejeitar, até porque a ele fez já inúmeras cedências –, o ideário liberal ganhou força institucional. Depois de décadas a fazer o seu caminho na sociedade, sob a forma de opinião publicada, e de alguns ensaios, sem nunca se transformar em medidas efectivas, por parte da maioria PSD-CDS.

Em 2006, passou assim a existir a versão portuguesa do dogma ocidental, que na Europa enquadra já as regras de funcionamento da União Europeia e outras instituições internacionais, veja-se o relatório da OCDE sobre as universidades. A ideologia da actual fase do capitalismo globalizado, em que o mercado dita as regras que os políticos fazem de conta que são suas. A nova/velha receita única, a nova/velha religião, em que os dogmas venerados passam para trás a ideia de Estado, enquanto salvaguarda da defesa igualitária dos interesses de todos os cidadãos, e voltam a tentar destruir esses princípios, precisamente em nome da liberdade do comércio e do seu lucro.

A inovação introduzida por Cavaco Silva levou mesmo já à criação da Associação de Empresários pela Inclusão Social, presidida por João Rendeiro, a qual, como este dizia à revista *Visão*, vem lançar a "nova filantropia" em Portugal. O próprio Rendeiro assume que esta iniciativa tem o apadrinhamento de Cavaco Silva. Rendeiro dá-se mesmo ao luxo de verbalizar o que é uma evidência: as desigualdades no mundo são cada vez maiores, assim como tem aumentado a riqueza. E anuncia que a aposta da sua filantropia é o ensino, para que este esteja mais adaptado às exigências do mercado laboral futuro. O facto de ser já discurso oficial permite mesmo a Rendeiro explicar que a sua filantropia surge, não por interesse social, mas por interesse do mercado, até porque, no capitalismo globalizado, a mão-de-obra

mais barata está noutras paragens que não Portugal.

Em vez de se tentar mudar a forma de funcionar do sistema capitalista, reformá-lo, cada vez mais, em função do interesse das pessoas, prefere-se abdicar do interesse das pessoas. Em vez de se adoptar formas mais justas de redistribuição da riqueza, vai compensar-se parcialmente essas diferenças, que são cada vez maiores, com iniciativas filantrópicas (que além do mais são filantrópicas também para as empresas, pois pagam menos impostos).

Isto com ar de quem descobriu a pólvora e estreia agora receitas novas, infalíveis, sem alternativa, que vão trazer os novos amanhã que cantam e os futuros céus na terra. Embora salte aos olhos que os amanhã que cantam ficarão sempre para depois de amanhã. Numa repetição de argumentos desgastada, velha de séculos, de uma ideologia que foi evoluindo e adquirindo vários nomes – mercantilismo, livre-cambismo, liberalismo, neoliberalismo – e que foi sempre um dos lados da contenda pelo domínio do mundo. Uma contenda que não pode ser vista como redutora nem reduzível a binómios liberalismo/comunismo e que tem outras cores para além do preto e do branco.

E que, hoje como ontem, muitos insistem em vender como verdade única, mas que há muito é desmontada, como, por exemplo, no em muitos aspectos actualíssimo retrato das teses liberais que é o "Discurso sobre a questão do livre-câmbio", proferido por Karl Marx, em Bruxelas, a 9 de Janeiro de 1848. Em que até é desmontada, de forma sarcástica, a bendita da filantropia.

Ora é a adesão plena a esta nova/velha era, à fase de implantação do capitalismo globalizado, que se deu este ano, em Portugal, pela acção de Sócrates e sob o enquadramento ideológico de Cavaco Silva. E também pelo próprio mercado. Ou não tivesse o país sido brindado, no fim do ano, com o fecho da Opel, na Azambuja, e com o anúncio de que a Peugeot está a ponderar fechar a fábrica de Mangualde. ■